

ENTREVISTA/Antônio Carlos Magalhães

‘Falta alguém para tocar o Brasil’

ARTUR PEREIRA



Em ano de sucessão presidencial, o nome do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, sempre é lembrado como um dos homens que certamente terá influência no processo de escolha de candidatos. Além da experiência adquirida como administrador em três mandatos no estado, Antônio Carlos cultiva o gosto pelas articulações de bastidores e o estilo agressivo no trato com os adversários. Na sucessão

do ex-presidente João Figueiredo, desempenhou papel fundamental ao apoiar a candidatura de Tancredo Neves contra o atual prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. Agora, ele trabalha por uma aliança de centro, em busca de uma candidatura forte. Mas não descarta, embora com algumas reservas, um acordo com o ex-adversário Maluf, “desde que o interesse do país seja maior”. Também não afasta a possibilidade de ele próprio concorrer.

Na quinta-feira, enquanto aguardava o casamento de João Pedro, filho do embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Paulo Tarso Flecha de Lima, cerimônia na qual

foi padrinho, o governador não descuidava dos assuntos políticos. Um telefonema do filho Luiz Eduardo Magalhães, líder do PFL na Câmara, o informou da situação de crise vivida no Congresso, motivada pelas dificuldades do Governo em aprovar o Fundo Social de Emergência. Ficou radiante com a resposta de Luiz Eduardo, bem ao estilo do pai, à proposta do ministro Fernando Henrique Cardoso, de convocar uma nova Assembléia Nacional Constituinte. O ministro, na avaliação do líder, deveria era convocar um plebiscito “para saber se o povo o quer como ministro”.

Radicalmente contra a proposta do Go-

verno de criação do Fundo, Antônio Carlos critica o estilo do ministro Fernando Henrique. “Alguém já disse que o sorriso dele parece sorriso de aeromoça”, alfineta, convencido de que o ministro da Fazenda já não reúne condições de pleitear uma candidatura à Presidência da República. Mesmo elogiando a seriedade do presidente Itamar Franco, o governador da Bahia não perde tempo de ironizar as dificuldades que ele teria para tomar decisões.

— Eu não sabia que um sujeito que nasce próximo à Bahia e vem para Juiz de Fora ficava tão preso a teses erradas — brinca.

O GLOBO — O senhor é candidato a presidente?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES — Não. Eu não sou candidato. Eu sou um homem interessado em que o país tenha um bom candidato e, portanto, eu não me excludo. Entretanto, não me apresento. Acho que se pode encontrar um candidato que possa atender aos anseios da nação, cobrindo o maior arco possível do ponto de vista de tendências partidárias, em favor de um programa que possa salvar o Brasil da crise que ele se encontra.

O GLOBO — Que nomes o senhor sugere?

ANTÔNIO CARLOS — Eu não sugiro nomes. O que eu acho, em tese, é que o Brasil está clamando por um administrador. Se ele for um bom político, melhor. Então, nós temos que fazer um grande programa. Por aí começará uma coisa que está desaparecendo no brasileiro: o orgulho de ser brasileiro.

O GLOBO — Por que o brasileiro perdeu o orgulho?

ANTÔNIO CARLOS — Em virtude da desilusão com os políticos que tanto prometeram e nada fizeram. Com a inflação que não só destrói economicamente, mas também destrói o caráter dos homens. Isso, leva à desordem que está aí. A violência urbana, ao caos social e, sobretudo, à fome, criando um quadro de desigualdade que não dá orgulho a ninguém.

O GLOBO — Que saídas o senhor apontaria para contornar a crise do país?

ANTÔNIO CARLOS — A primeira coisa passa, sem dúvida, pela credibilidade. Com credibilidade você derruba a inflação. Com credibilidade cai o quadro da violência. Com credibilidade diminui o grau de desigualdades. Tudo isso passa pela crença. E a crença só vai existir quando alguém mostrar que vai mudar tudo o que está aí.

O GLOBO — Que partidos podem participar dessa articulação, além do PFL?

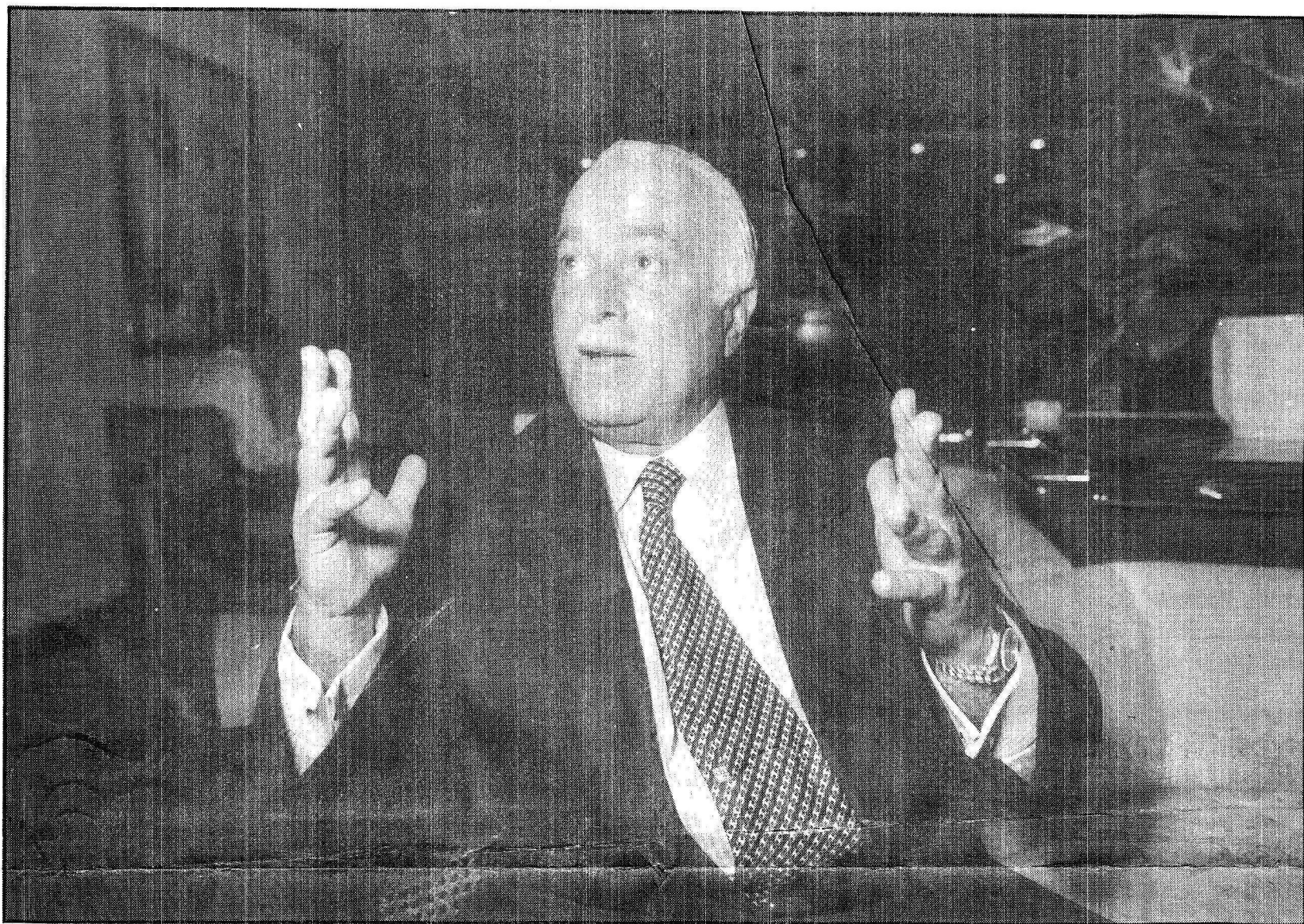
ANTÔNIO CARLOS — Eu diria que não devemos excluir ninguém. Eu não excluiria nem o governador Brizola, mesmo sabendo que ele não vai se adaptar ao programa, porque será certamente a negação da atuação dele. Mas acho que ele deveria ser chamado. Se queremos salvar o país, não devemos excluir ninguém.

O GLOBO — Nesse quadro o senhor incluiria o PT?

ANTÔNIO CARLOS — O PT já tem uma posição marcada, que erradamente julga vitoriosa, e é natural que queira disputar a eleição para defender suas teses. Agora, cada dia que passa o PT, eu não diria o Lula, fica mais radical e menos orientado no sentido de encontrar os caminhos para resolver os problemas do Brasil. Brizola considera Lula pior que qualquer anão do Orçamento. Eu acho que essa comparação não vale. Lula deve ser vencido pelos argumentos, pela competência, pela inexperience dele como administrador. Não precisa a agressão que o Brizola faz, porque depois também ele esquece e passa a apoiar o Lula se julgar necessário. Ele tem essa capacidade fantástica...

O GLOBO — Quando se começa a discutir sucessão presidencial e surge o nome de Antônio Carlos Magalhães, algumas pessoas parecem ficar com um certo receio. Quem teme Antônio Carlos? Por que?

ANTÔNIO CARLOS — Isso de certo modo até deveria me ale-



“Se fracassar, Lula vai culpar as instituições. Aí haverá choque: um querendo destruir o outro”

“Fernando Henrique perdeu a parada contra a inflação. Ele tem de dizer que falhou e que não é candidato”

grar. As pessoas que me temem são aquelas que devem ter culpa por algum pecado e estão em débito com o povo brasileiro. O país precisa de autoridade. E eu, se for governar, vou governar com autoridade, sem confundir com autoritarismo. Autoritarismo transborda os limites da lei. Eu jamais transbordarei os limites da lei, mas acho que a quebra de autoridade no Brasil tem sido um dos fatores responsáveis pelo caos em que nós nos encontramos. Se querem um Governo sem autoridade, eu não posso ser candidato a coisa nenhuma no Brasil.

O GLOBO — A tentativa de alianças mostra um quadro partidário precário no Brasil?

ANTÔNIO CARLOS — Sim. O sistema é muito precário. Os partidos não têm um significado maior. Eles não têm uma estrutura partidária séria. Eles funcionam em torno de pessoas e não de teses ou programas. Eu tenho até uma certa posição de liderança no meu partido, e isso não é bom. Seria melhor que o meu partido tivesse mais força do que eu.

O GLOBO — A busca de alianças não vai enfraquecer ainda mais os partidos?

ANTÔNIO CARLOS — Não. As alianças não enfraquecem os partidos porque vários deles não têm condições de disputar a Presidência isoladamente, salvo o PT, que é o único partido estruturado e, por isso, tem uma candidatura inarredável. Se os outros partidos tivessem a estrutura do PT, lançariam candidatos para que um deles chegasse ao segundo turno.

O GLOBO — O senhor não acha que há uma excessiva preocupação dos setores libe-

rais e conservadores com o PT?

ANTÔNIO CARLOS — Acho que não se deve fazer alianças contra ninguém. Até mesmo contra Lula. O meu receio de Lula é esse confronto entre radicais e não radicais em relação ao programa do partido. A bancada do PT hoje no Congresso, em sua maioria, não é uma bancada radical, mas a sua base é radical e impôs ao partido uma posição radical em seu programa. Esse programa afronta o eleitorado. Não é pela intimidação que se soma.

O GLOBO — E o que acontece se Lula vencer as eleições?

ANTÔNIO CARLOS — Em primeiro lugar, acho que não se elege. Mas, analisando a pouca possibilidade de se eleger, acho que tranquilamente toma posse. Agora, pelo despreparo, não vai formar uma equipe à altura dos graves problemas que o país enfrenta. É uma desilusão na Presidência, seja com Lula ou qualquer outro eleito, a partir de 95 — e não passará de 96 essa desilusão — fará com que haja em vários setores, sobretudo na população, uma reação muito grande. No caso de Lula essa reação poderá ser maior pela falta de competência para gerir os negócios do Estado. Vai querer pôr a culpa nas instituições e em outros setores. Vai acusar o Congresso, o Judiciário, as Forças Armadas, os banqueiros, e os empresários pelo insucesso. E aí começa a luta em que ele vai tentar destruir classes e instituições e estas vão tentar destruí-lo. Nesse ponto, vai acontecer o inevitável: esse choque que nós todos admitimos que possa ocorrer. Oxalá que não aconteça. Até mesmo Fábio Comparato, que é um grande pensador de esquerda, publicou um artigo muito interessante sobre isso. Ele teme muito pela desilusão que o povo possa ter a partir de 95.

O GLOBO — Setores do PMDB exigem que o partido tenha um candidato de cara limpa. Hoje o senhor considera essa exigência fundamental a todos os candidatos?

ANTÔNIO CARLOS — Essa exigência sempre existiu e agora, mais do que nunca, no momento em que se desenvolve um processo desses no país. Os candidatos têm que poder abrir sua vida financeira perante a Nação e mostrar quem são. Quem não puder mostrar sua vida financeira, ter seu sigilo bancário quebrado, não pode mais ser candidato a nada.

O GLOBO — No passado, o senhor teve divergências políticas com o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. Essas divergências foram superadas? É possível uma aliança com ele?

ANTÔNIO CARLOS — É possível. Toda vez que o interesse do país for maior do que qualquer afirmação minha, fico com o interesse do país. Agora, também não significa que eu esteja preso a qualquer interesse vinculado ao Maluf por ele ter me lançado candidato. Acho que foi uma maneira hábil de pôr a questão, querendo criar oportunidade para que ele não receba vetos de ninguém e que possa surgir uma solução que não seja nem eu nem ele, mas um terceiro.

O GLOBO — O senhor acredita que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, ainda tem chances de ser candidato?

ANTÔNIO CARLOS — Eu sempre afirmei que as qualidades de Fernando Henrique são excepcionais. Mas também afirmei que o destino dele estava ligado à posição que ele tomou. Se tivesse continuado ministro das

Relações Exteriores, seria um excelente candidato hoje. Quando quis ser candidato de qualquer maneira, ele então marchou para ser ministro da Fazenda para baixar a inflação. Tudo indica que até 30 de março ele não vai conseguir. Então, perdeu a parada. A maneira mais correta de agir se ele ainda quer ser candidato é chegar na televisão e dizer, com ar sério, eu perdi a parada. Ele teve nove meses para fazer um plano e o plano se reduziu ao aumento de impostos. Ele falhou. Eu acho que ele até reconhece que falhou. Então tem que dizer na televisão: eu falhei e por isso não vou ser candidato a presidente. Não pode ficar enganando. O povo não quer ser enganado. Agora, é um homem sério que tem o direito de aspirar a candidatura. Mas com 40% de inflação ninguém é um bom candidato.

O GLOBO — Isso significa que o Governo Itamar sucumbiu?

ANTÔNIO CARLOS — Quando o Itamar chamou o Fernando, ele estava desesperado porque a inflação estava em 23% e já tinha mudado dois ou três ministros. No caso, não se pode dizer que ele foi o responsável por sucumbir o Governo Itamar. Ele apenas foi mais um que não deu certo.

O GLOBO — A culpa pela crise então é do presidente?

ANTÔNIO CARLOS — O presidente é um homem sério, direito. Mas não é do perfil dele comandar um país como este. E ele sabe disso. Eu acho que o país está precisando de alguém que lute e que viva mais os problemas. Claro que ele tem interesse em resolver. Itamar não está aí para ter vantagens. Ele quer até que o país encontre o seu destino. Mas para o país encontrar o

destino tem uma série de coisas para fazer que ele não faz e nem aceita conselho para fazer.

O GLOBO — Afinal, por que o Brasil não dá certo?

ANTÔNIO CARLOS — O país tem tudo agora para dar certo. O povo e seus políticos não acreditam no Governo. O Governo consegue o milagre de se desentender com todos, inclusive com os outros poderes. A desarmonia é total. Todos estão numa fase de ver interesses pessoais em vez de ver os interesses do país. Agora, por que o país pode dar certo? Pode dar certo porque já pagou o preço grande do choque de petróleo de 73 e 79. Não temos mais elevadas taxas de juros internacionais. Se esses elementos negativos desapareceram e temos uma oferta de crédito muito grande, mas o dinheiro que entra vai para a especulação porque o país não está organizado, cabe a nós encontrar a solução. O que falta é Governo. O que falta é alguém para tocar o Brasil.

O GLOBO — Como o senhor analisa o comportamento dos empresários brasileiros, notadamente da poderosa Fiesp?

ANTÔNIO CARLOS — Os empresários agem de acordo com a oportunidade. Eles são tão faltosos quanto os políticos. Eles não têm autoridade para criticar os políticos, como também os políticos não podem criticar os empresários. Não há ministro da Fazenda que não receba homenagem de empresários. Todos buscam seus interesses e não os da sociedade como um todo. Concluí que esse plano do Fernando Henrique não ia dar certo quando ele foi aplaudido no primeiro dia pela Febrabam e pela Fiesp. Um plano que é aplaudido pelos banqueiros e pela Fiesp evidentemente não vai ser aplaudido pelo povo.

O GLOBO — Como o senhor analisa a questão do corporativismo no Brasil?

ANTÔNIO CARLOS — Essa é uma das desgraças maiores. É inacreditável como o corporativismo atrasa esse país e como o Governo é tolerante com ele. Por isso, não querem Governo com autoridade. O corporativismo é tão forte que se faz CPI para deputado, mas ninguém tem coragem de entrar numa estatal para fazer um exame. Não tem. Será possível que em tantos anos nada aconteça de errado nessas empresas? Esse é o corporativismo que leva o estado a ficar cada vez mais ineficiente.

O GLOBO — Nesse programa que será discutido com outras lideranças em busca de uma aliança o senhor prevê quais medidas de emergência para tirar o país do buraco?

ANTÔNIO CARLOS — Temos que eleger um administrador capaz, com credibilidade e em seis a dez meses o país entra nos eixos e muda sua fase interna e externa. A receita é simples: credibilidade e saber escolher companheiros para administrar.

O GLOBO — Governador, a CPI do Orçamento deu um impulso grande na campanha de moralização do país. Como se pode aprofundar essa campanha?

ANTÔNIO CARLOS — Sem dúvida a CPI fez um bom trabalho. Pode ter pecado por falta, mas fez um bom trabalho. Se aqueles casos fossem para a Justiça, até hoje nenhum deles tinha andado coisa alguma. O Legislativo deu um exemplo que a Justiça deve seguir para acelerar os seus trabalhos. A luta contra a corrupção tem que ser em todos os níveis: judiciário, executivo e administrações estaduais.